

Por entre as ruínas da pátria: Ernesto Sábato e Osvaldo Soriano pensam a Argentina

Por Raphaella Lira
(Doutoranda-Teoria Literária)

“A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.

Eduardo Galeano

Recentemente, após o falecimento de Ernesto Sábato, a revista *Carta Capital* se referiu a ele como “qualquer grande humanista em qualquer época”, a quem preocupavam a solidão, a morte, a injustiça, a esperança e o tempo. Existiria momento mais oportuno para discutir tal posicionamento que o fim conturbado de uma década, que foi testemunha dos mais confusos acontecimentos? Talvez ainda mais do que isso, uma década que testemunhou a consolidação de uma situação que parecia estar em ascensão desde a década de 1980? Uma década que, talvez superada apenas pelos períodos entreguerras, assistiu à morte de inúmeras utopias humanas?

A morte de Ernesto Sábato, além de servir de gancho para o tema do presente artigo, serve também para que discutamos uma série de reflexões sobre a pátria presentes em sua obra *Sobre hérois e tumbas*. Não seria possível, porém, pensarmos a Argentina que se delineia na obra de Sábato sem opô-la àquela que é retratada por Osvaldo Soriano em *Uma sombra logo serás*. Em sua obra, Soriano irá dar corpo e espessura à Argentina que talvez seja a que conhecemos hoje: um país vítima de uma longa e extenuante crise, muito distante da próspera nação que já teve sua moeda equiparada ao dólar.

Na obra de Ernesto Sábato, poderemos encontrar algumas das características que nos permitirão incluir *Sobre heróis e tumbas* no panteão do novo romance histórico latino-americano. A distorção consciente da história mediante exageros, omissões ou anacronismos, a intertextualidade e a ficcionalização de personagens históricos são as marcas mais nítidas do novo romance histórico no livro de Sábato. O que se visava colocar em evidência, no entanto, era a maneira como um determinado momento

histórico-social poderia servir como pano de fundo para uma narrativa que refletia, incessantemente, como aqui verificaremos, sobre os caminhos que levaram a Argentina a se tornar a pátria que é. Curiosamente, o livro de Osvaldo Soriano que também servirá como *corpus* para o ensaio que aqui se pretende desenvolver, caminhará numa direção distinta. Ambientado no sul, local mítico e temática recorrente na literatura argentina, a obra tem como foco a realidade de uma pátria enfraquecida pela crise e pelas modificações impostas à América Latina pelo capitalismo neoliberal que se encontrava no eixo da economia mundial.

Inicialmente, observando a obra de Ernesto Sábato, uma das primeiras conclusões a que chegamos é como a História, da forma como a conhecemos, é apenas mais um constructo da linguagem humana. *Sobre heróis e tumbas* é uma obra que não hesitará em resgatar figuras da história do país, sem que, no entanto, isso ocorra visando qualquer tipo de concordância com aquilo que consideramos como sendo o passado real. Na realidade, os fatos oriundos da história considerada real, serão a todo o tempo revistos e, em certa medida, distorcidos.

O termo distorção, entretanto, talvez seja um pouco excessivo para falar dessa narrativa. O que veremos será sim um ponto de vista diferente do tradicional, sobretudo em relação às irrupções da tropa do general Juan Lavalle. Afirmar, entretanto, que se trata de uma distorção consciente talvez não esteja de acordo. O que vemos presente na narrativa se aproxima muito mais de uma mudança de foco da história oficial do que de uma distorção propriamente dita:

- Bem, o que eu queria perguntar é se teu avô Pancho também é unitário. Me parece engraçado que ainda possam existir unitários e federais.
- Não te dá contas que aqui se viveu tudo isso. Mais ainda: imagina que vovô Pancho, que nasceu um pouco depois da queda de Rosas, ainda continua vivendo. Não te contei que tem noventa e cinco anos?
- Noventa e cinco anos?
- Nasceu em 1858. Nós podemos falar de unitários e federais, mas ele viveu tudo isso, compreende? Quando ele era criança, Rosas ainda vivia.
- E se lembra de coisas daquele tempo?
- Tem uma memória de elefante. E além disso não faz outra coisa senão falar daquilo, todo o dia, desde que estejas ao seu alcance. É natural: é sua única realidade. Tudo mais não existe.¹

¹ SÁBATO, Ernesto. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 70

No trecho supracitado, Alejandra explica a Martín sobre seu bisavô, que ainda vive e fez parte da tropa do general Juan Lavalle. O bisavô de Alejandra é praticamente uma metonímia empírica do passado, que mesmo estando na campanha de Lavalle, desconhece todos os meandros dos acontecimentos. Em um trecho pouco posterior a esse, o narrador irá deixar clara a impossibilidade do predomínio de uma única versão da história (ou da História):

Cento e setenta e cinco homens, mulambentos, desesperados, perseguidos pelas lanças de Oribe, fugindo para o norte pelo vale, sempre rumo ao norte. [...]E uma mulher. Mas o velho não sabe disto, ou não quer saber. Eis o que sobra da orgulhosa Legião, depois de oitocentas léguas de retirada e de derrota, de dois anos de desilusão e morte. Uma coluna de cento e setenta e cinco homens miseráveis e taciturnos (e uma mulher) que galopavam rumo ao norte. Não chegaram nunca? Existe a terra de Bolívia, mais além da interminável quebrada? O sol de outubro cai a prumo e apodrece o corpo do general. O frio da noite congela o pus e detém o exército de vermes. E novamente o dia, e os tiros de retaguarda, a ameaça dos lanceiros de Oribe.²

A ficcionalização de personagens históricos na obra de Sábato vai ocorrer de forma muito particular. Ao retomar um episódio tão controverso da história da pátria como a campanha falida de Juan Lavalle, Sábato dará voz ao integrantes dessa campanha, sobretudo ao general:

Pelejei em cento e cinco combates pela liberdade deste continente. Pelejei nos campos do Chile sob as ordens do general San Martín, e no Peru sob as ordens do general Bolívar. Lutei contras as forças imperais em território brasileiro. E depois, nestes dois anos de infortúnio, de sul a norte e de leste a oeste de nossa pobre pátria. Talvez tenha cometido grandes erros, e o maior de todos o fuzilamento de Dorrego. Mas quem é dono da verdade? Já não sei mais nada, além de que esta terra cruel é minha terra e que aqui tinha de combater e morrer. Meu corpo está apodrecendo sobre meu tordilho de batalha mas isso é tudo que sei.³

Ao apontar características pontuais e recorrentes em diversos romances históricos, Seymour Menton está, na realidade, mostrando como será o contato que cada uma dessas obras terá com a História. Vera Follain de Figueiredo, em seu artigo “O romance histórico contemporâneo na America Latina”, também afirma que :

² SÁBATO, Ernésto. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.p. 79

³ *ibidem* . p 185

O que move este novo romance histórico é a vontade de reinterpretar o passado com os olhos livres das amarras conceituais criadas pela modernidade européia no século XIX, é a consciência do poder de representação, da criação de imagens e, conseqüentemente, do poder de narrar e de sua importância na constituição das identidades das nações modernas.⁴

A enumeração de algumas características evidencia ainda mais a forma como a História não passa de um substrato, seja nas mãos do romancista, seja nas mãos do historiador. A literatura, entretanto, possui o poder de explorar as imagens fetichizadas pelo discurso histórico, mudar-lhes a perspectiva e permitir que aquilo que possuímos como conhecimento do passado seja por fim questionado. O poder da obra de arte, categoria na qual a literatura está alocada, está no fato de que sua capacidade de simular a realidade abre a porta para que aquilo que tomamos como conhecimento do passado seja finalmente encarado em sua verdadeira dimensão: algo que possui sua determinante faceta empírica fincado no presente, ou seja, só conhecemos o passado através daquilo que o presente nos permite entrever.

“A memória é passado”⁵, afirma Aristóteles. Será através dela que acessaremos os problemas do tempo e da história, ou, nas palavras de Homi Bhabha, que reuniremos “os fragmentos de um passado desmembrado para ajudar o trauma do presente a fazer sentido”. É a sua capacidade de armazenar fatos que irão propiciar a compreensão, não só do presente que nos circunda, mas do passado que antecede esse mesmo presente.

Na narrativa de Sábato, a memória é essencial, pois é por meio dela que Martín irá recuperar a experiência que teve com Alejandra. Quando a narrativa se inicia, o leitor já possui o conhecimento da morte de Alejandra, ou seja, tudo será lembrado por Martín em seu relato a Bruno. Outro ponto importante, que faz da memória uma das principais chaves do romance são as irrupções da tropa do general Juan Lavalle, recuperações claras do passado da pátria.

Esse acesso ao passado também pode ser visto como uma via de mão dupla. Martín, no início da narrativa, é uma espécie de tábula rasa: sem passado, sem experiência e sem maturidade, será em Alejandra que ele encontrará tudo isso. Talvez até mais do que isso, será por meio dela que ele entrará em contato com passado da

⁴ FIGUEIREDO, Vera Follain de. O romance histórico contemporâneo na América Latina. In: <http://filipe.tripod.com/Vera.htm>

⁵ RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et. al.]. Campinas, Editora da Unicamp, 2007. p 26

pátria, do qual ela é uma espécie de personificação, mas que, ao mesmo tempo, será ela que lhe propiciará a criação de seu próprio passado:

- Explique, vô, explique – gritou.

O velho punha a mão nodosa junto ao ouvido, com a cabeça inclinada para Alejandra. Dentro da máscara de pergaminho sulcado e já voltada para a morte, parecia viver dificilmente um resto de ser humano, pensativo e bonachão. [...]

Pensava, olhava para tempos remotos.

- Olmos é a tradução de Elmtrees. Porque o vovô estava cheio que o chamassem Elemetri, Elementerio, Lemetrio e até mesmo capitão Demetrio. [...]

- O tenente Patrick Elmtrees, sim senhor. Quem diria. O destino é mais embrulhado que negócio de turco. Quem diria que seu destino era morrer sob as ordens do general.

Repentinamente pareceu dormir, com um leve estertor.

- General? Que general? – perguntou Martín a Alejandra.

- Lavalle.

Não entendia nada: um tenente inglês sob as ordens de Lavalle? Quando?

- Na guerra civil, bobo.⁶

No entanto, o ponto nevrálgico desse entrecruzamento narrativo se encontra nos relatos da tropa do general Juan Lavalle. Como já foi dito anteriormente, Lavalle é personagem verídico da história argentina, talvez um dos grandes heróis da independência do continente americano, ao lado de figuras de primeira grandeza, como San Martín e Bolívar. Talvez mais importante que sua relevância como herói da independência seja o fato de Lavalle ser considerado uma personalidade extremamente controversa: após uma tomada de poder, Juan Lavalle mandou fuzilar um de seus partidários, Manuel Dorrego.

Com essa decisão, Lavalle acabou se firmando ainda mais como uma figura lateral da história argentina. Sua importância acaba por equiparar-se ao ar de dúvida e contestação que circundam sua personalidade. Se Lavalle é, de certa forma, um dos inegáveis heróis da independência, seu nome não figura ao lado dos grandes homens, como San Martín, devido à repercussão alcançada pelo fuzilamento de Dorrego. Mais do que indagar qual seria a intenção de Sábato em resgatar tal personagem da história da pátria, faz-se necessário elucidar a importância de Lavalle, indiscutível monumento da pátria.

Hugo Achúgar, em um dos ensaios que fazem parte de sua obra, “Planetas sem boca”, vai analisar a relação entre os monumentos e a memória, e qual seria o lugar

⁶ SÁBATO, Ernesto. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 73

dessa memória de pedra. Pensar e refletir sobre qual é o lugar do monumento é uma forma de reavaliar ao passado da pátria, quais são os fatos que merecem ser lembrados, quais são os fatos que precisam ser esquecidos. O resgate não se relaciona unicamente com a retomada de um episódio ou de um personagem por meio da (re)lembrança, mas, como uma via de mão dupla, também com o esquecimento, pois foi através dele que tal personagem ou episódio caiu no ostracismo histórico.

“Vencer tempo e esquecimento, disso trata o monumento, reafirmar uma origem”⁷, irá afirmar Hugo Achúgar no ensaio supracitado. Logo, a narrativa da campanha falida de Juan Lavalle também é uma forma de reafirmar a filiação da história da pátria, que não foi escrita somente por aqueles que permaneceram lembrados nos anais em letras maiúsculas, mas sobretudo por aqueles que acabaram ficando para trás como figuras menores e não tão importantes.

Outro ponto do ensaio de Achúgar, que se torna particularmente produtivo quando observamos a obra de Sábato, é a maneira como ele vai reavaliar o passado nacional, especificamente o caso uruguaio, no contexto latino-americano de pós-ditaduras. Por mais que se trate de um país específico, isso não anula a possibilidade de que as afirmações de Achúgar nos permitam traçar um paralelo entre a situação argentina explorada por Sábato em *Sobre hérois e tumbas*. No contexto explorado por Sábato, mais especificamente naquele que é vivenciado por Martín, veremos uma Argentina decadente, ainda sobre o domínio de Perón, na qual as classes operárias ganham cada vez mais força. Em um dos episódios finais da narrativa, que é contada sob o ponto de vista do jovem, veremos como ele presencia as manifestações populares e mesmo sua descoberta da situação em que a pátria se encontrava no momento. Mais determinante ainda para o desenrolar desses fatos, será que os momentos testemunhados por Martín antecederão a morte de Alejandra. Uma revolta dos marinheiros contra Péron, que acaba por desencadear uma manifestação popular de grande porte, na qual o jovem se vê, simultaneamente, como espectador e participante. Os partidários de Perón haviam queimado diversas Igrejas, devido ao fato de a instituição ter se posicionado contra o presidente. Será o desdobramento desse conturbado episódio que Martín irá testemunhar:

A mulher das alvas chegou até onde estavam Martín e o peronista. Distantes, temerosos. A acompanharam de novo até a casa da rua

⁷ ACHÚGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 168

Esmeralda. E novamente pareceu a Martín que o rapaz estava triste, enquanto olhava lentamente as poltronas, aqueles quadros e porcelanas.

- Entra – insistiu a mulher

- Não, senhora – disse o rapaz –, já me vou. A senhora não precisa mais de mim.

- Espera – disse a mulher

O rapaz esperou, com respeitosa dignidade.

Ela o olhou.

Tu és operário? – lhe disse

- Sim, senhora. Do têxtil. – respondeu o rapaz.

- E que idade tens?

- Vinte anos.

- E és peronista?

O rapaz ficou calado e baixou a cabeça.

A mulher o olhou duramente.

- Como podes ser peronista? Não vês as atrocidades que fazem?⁸

Mesmo através do olhar quase documental de Martín sobre um período tão crítico da história argentina, podemos ver como Sábato remete, de certa forma, aos monumentos. Marco indiscutível, os anos de peronismo podem ser relacionados também a essa questão, uma vez que serão períodos como esse que gerarão a necessidade de “novos monumentos”. Eles serão (ou poderão ser) objetivações da memória, sua face mais empírica, assim, quais serão aqueles que iremos erigir após os momentos de crise? Cada fato lembrado, cada nome imortalizado e inscrito nos anais da história falará, mas aqueles deixados de lado também falarão pela linguagem da ausência.

Achúgar vai afirmar que a função do monumento sempre foi “a monumentalização da memória como forma de documentar, construir ou consolidar a identidade do cidadão da *polis*”⁹. Sob a égide da memória de pedra do monumento é que convivem passado e futuro, e isso aparece no livro de Sábato de uma forma particularmente especial. Se podemos tomar Juan Lavallo como o símbolo monumentalizado óbvio, será também no personagem de Martín que veremos figurar o futuro. Martín, antes de conhecer Alejandra, é uma tábula rasa, sem passado, sem maturidade. Entretanto, após o contato com ela, sua personalidade ganha espessura, seu personagem ganha maturidade. Ele passa a simbolizar o porvir da pátria que, após ter consciência de seu passado, começa a escolher os passos que fundamentarão seu futuro.

⁸ SÁBATO, Ernesto. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980. p. 251

⁹ ACHÚGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 173

Ainda no mesmo ensaio, Hugo Achúgar vai salientar que, na América Latina (ainda que não só, mas principalmente), “a memória pública foi instrumento de um poder que construiu os monumentos de pedra, mas também que destruiu os monumentos de pedra daqueles que tinham vencido, dominado ou exterminado”¹⁰. O processo que sempre foi encenado pela reprodução e conseqüente oficialização de uma determinada versão de um episódio histórico fez que outras possibilidades fossem abandonadas. Para a História, só existe a narrativas dos vencedores:

[...]Todos os que até hoje venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos de bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê tem uma origem sobre a qual ele (o materialista histórico) não pode refletir sem horror.[...]Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E assim como a cultura não é isenta, não o é, tampouco, o processo de transmissão de cultura.¹¹

Nesse pequeno fragmento, oriundo de “Sobre o conceito de História”, Walter Benjamin fala não apenas sobre o processo de transmissão de cultura, que está intimamente ligado à memória de um povo ou nação, mas também sobre como esse processo sempre será algo bárbaro. O que se encontra inscrito nos anais da História oficial só o é devido a todo o resto que permanece ignorado. Logo, os monumentos da cultura, citados por Benjamin, são também testemunhos do esquecimento, uma vez que, para cada fato que foi lembrado e retomado, milhares foram simplesmente esquecidos, ou mesmo propositalmente apagados.

O momento que será retratado por Osvaldo Soriano, no entanto, será completamente diferente. Nas palavras de Eric Hobsbawm, em *A era dos extremos*, “A história dos vinte anos após 1973 é a de um mundo que perdeu suas referências e resvalou para a instabilidade e para a crise”¹². Em uma Argentina completamente esfacelada por uma crise de dimensões globais, vemos um elenco de personagens que vaga à deriva, na periferia de um mundo já periférico.

¹⁰ ACHÚGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006. p. 173

¹¹ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In: *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 225

¹² HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.393

O narrador de *Uma sombra logo serás*, publicado em 1990, diferente de Martín, parece ser oriundo de uma classe econômica mais elevada: “Nunca tinha me acontecido de andar sem um tostão no bolso. Não podia comprar nada e já não tinha mais nada para vender”¹³. Se anteriormente podíamos verificar como Sábado se valia do olhar de Martín para documentar um determinado momento histórico, que foi de extrema importância na história argentina; vemos como, no romance de Soriano, o olhar contemplará o posicionamento do sujeito frente ao novo regime neoliberalista. Já nas linhas iniciais da obra, anteriormente citadas, vemos como o indivíduo se define com base no poder de compra, na necessidade que tem de continuar consumindo.

Ainda utilizando o arcabouço teórico fornecido por Eric Hobsbawm, é importante salientar que, na década de 80, mais exatamente em 1987, houve um novo significado e dramático *crash* da Bolsa americana: “A natureza global da crise não foi reconhecida, muito menos admitida nas regiões não comunistas desenvolvidas, até depois que uma das partes do mundo – a URSS e a Europa Oriental do *socialismo real* – desabou inteiramente”¹⁴. O historiador também afirma que havia um grande tabu em torno no emprego do termo “depressão”, devido à lembrança que ainda permanecia dos acontecimentos de 1929.

Na nova ordem mundial, não há lugar que não tenha sido atingido, e serão os sobreviventes deste naufrágio econômico-social que irão desfilarem, página após página, no romance de Osvaldo Soriano. E serão esses sobreviventes que tentarão, ou melhor, planejarão maneiras de não sucumbir frente à crise. Em uma passagem determinada, o protagonista conversa com um dos muitos que, ao longo da narrativa, irá ajudá-lo ou acompanhá-lo por um período de tempo, sobre planos para o futuro:

- Sei. E agora planeja subir até a Bolívia com isto aqui?
- E o que você quer? Em outra época tive um Buick e também um Peugeot 505, mas a tempestade me pegou. Perdoe que eu me meta, mas você também anda meio na pior, não é mesmo?
- Meio, não: completamente. Por que você não volta para a Itália?
- No momento, esse assunto está congelado. Agora a coisa é a Bolívia. Depois, Rio ou Miami. Deus dirá.¹⁵

¹³ SORIANO, Osvaldo. *Uma sombra logo serás*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.7

¹⁴ HOBBSAWM HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p.393

¹⁵ SORIANO, Osvaldo. *Uma sombra logo serás*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.14

A pátria deixou de ser um horizonte possível, perdeu sua aura de utopia e, ainda mais do que isso, perdeu o potencial que tinha a oferecer. A tempestade, como irá afirmar o personagem de Coluccini, parece ter chegado a todos os lugares do país, mesmo aos mais inóspitos. Nada restou na Argentina que possa simbolizar um novo caminho, um porvir. É importante ressaltar que, se na obra de Ernesto Sábato, a escolha feita ao final pelo jovem protagonista Martín continha em si todo o potencial simbólico do futuro da pátria; o que iremos encontrar em Osvaldo Soriano serão diálogos e situações que se assemelham ao anteriormente citado. Personagens perdidos, sem dinheiro e sem qualquer perspectiva de melhora, tendo como única ambição chegar ao próximo amanhecer. O próprio narrador é o melhor exemplo disso: apesar de contar toda sua trajetória em primeira pessoa, ele, em momento nenhum, diz seu nome. Sabemos alguns dados sobre seu passado (“Queria apresentá-lo num congresso em Frankfurt, mas quando trouxe as primeiras equações eu já tinha sido despedido”), mas nada que possa não possa ser desconsiderado. O que precedeu o momento presente, vivido pelo protagonista, parece, em diversos momentos, uma espécie de vida passada, separada da atual por uma ruptura significativa: “- Não. Na Europa eu tinha uma situação boa, mas entrei nesse de voltar. E como você diz, já é um pouco tarde.”¹⁶

Voltar para a Argentina foi voltar em nome de uma promessa. A era de Ouro do capitalismo global, por um momento, havia convertido a América Latina em um paraíso de novas oportunidades. Voltar foi romper, anular a possibilidade de retornar para a Europa e, como iremos constatar ao longo da narrativa, aceitar viver em uma pátria falida onde não há mais espaço para ninguém. A antiga promessa de prosperidade foi quebrada e o que encontraremos em *Uma sombra logo serás* são povoados abandonados, não apenas pelo poder público, mas por todos. Junta Grande e Colonia Vela são apenas alguns dos vilarejos citados, pequenos e insignificantes demais para figurarem no mapa do país. O que quer dizer que, dentro da realidade já periférica da América Latina, quem vagava por esses locais vivia à margem da margem.

Em outra passagem da obra de Osvaldo Soriano poderemos encontrar um episódio que demonstra o quão alegórico é de todo o processo de desmonumentalização que é construído ao longo da narrativa:

¹⁶ SORIANO, Osvaldo. *Uma sombra logo serás* Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.14

Sentia fome e vontade de molhar a cara. Aproveitei que na praça havia bancos debaixo das árvores e fui me sentar para cortar a melancia. Se tivesse tomado a precaução de apanhar uma lata vazia teria feito um chá frio com o mate que levava no bolso. Precisava também de uma colher e de um pouco de papel de jornal para acender o fogo. Dei uma olhada na cesta de lixo, mas não vi nada que me servisse. Em frente à estátua de San Martín havia um monólito e, um pouco adiante, um laguinho com um chafariz. Reparei que não havia nenhum guarda por perto e fui lavar a cara. [...]

Passei por baixo do sabre do Libertador e procurei uma ponta afiada para cortar a melancia. Aproximei-me do monólito, que tinha uma boa ponta de cimento, mas então li um nome acima de uma inscrição que dizia: “Caído na guerra pelas nossas ilhas Malvinas”. Como não encontrei outra coisa, abri a melancia com a fivela do cinturão [...]¹⁷

Os monumentos, construídos de pedra e memória, que anteriormente haviam sido destinados a imortalizar uma figura considerada heróica, já não possuem mais nenhum valor. O único sentimento que parece guiar o protagonista da obra de Osvaldo Soriano é o instinto de sobrevivência. Não há mais espaço para qualquer tipo de apreciação dos sacrifícios em nome da pátria. O que restou é a fome, a crise, o isolamento e a solidão. Se, em um primeiro momento, o que movia o novo romance histórico latino-americano era o desejo de olhar e refletir sobre a realidade sem o tradicional ponto de vista eurocêntrico, no momento representado na obra de Soriano; o que move a narrativa é o desejo de desconstrução. O episódio citado nada mais é que uma alegoria para a situação da Argentina após a crise da década de 80. As estátuas, anteriormente tão celebradas como verdadeiros símbolos dos esforços em nome do país, não possuem mais utilidade.

Os fragmentos extraídos do livro *Uma sombra logo serás* têm, como principal função nesse ensaio, colocar em evidência uma questão: como foi possível que a Argentina, que chegou a ser considerado o país mais próspero da América do Sul, possa ter afundado em uma crise tão severa? O mais importante é que não cabe a literatura responder essa pergunta, mas complementá-la com outra: como um país que era tão promissor pode ter ficado dessa maneira?

As ciências econômicas e sociais podem ter diferentes respostas para esses questionamentos, grande parte envolvendo as mudanças neoliberais e a grande crise de escala global que se instalou na década de 80. O que se quer aqui, entretanto, é refletir sobre como a literatura pode ser portadora de uma representação tão valiosa sobre a

¹⁷ SORIANO, Osvaldo. *Uma sombra logo serás* Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.19

realidade de um país. Muito longe de ser um testemunho ou algo equivalente, *Uma sombra logo serás* retrata diversas características de uma pátria que perdeu sua utopia. Se, no momento anterior, podíamos ver como o jovem protagonista Martín era o símbolo de uma pátria rica em possibilidades, o que encontramos nas páginas de Soriano são pessoas que há muito caminham apenas por caminhar.

Na citação que serviu como pórtico para este ensaio, Eduardo Galeano afirma que a utopia é o que nos faz continuar desejando prosseguir. Em *Sobre heróis e tumbas*, foi a utopia que fez Martín abandonar Buenos Aires e partir em busca do sul, espaço mítico e extremamente mitificado pela literatura argentina. Seria o sul o lugar onde todas as possibilidades poderiam, enfim, ser concretizadas. A relação entre memória e esquecimento que norteia narrativa de Sábato é de extrema importância para mostrar que a história de uma nação é algo que está sempre em construção, algo sobre o qual se deve refletir incessantemente. Na verdade, ainda mais do que isso, quando Ernesto Sábato mostra a campanha falida do general Lavalle, está colocando em evidência não só o que deve ser lembrado, mas aquilo que não deve ser esquecido.

Já *Uma sombra logo serás* colocará em evidência como a (pós) modernidade e a situação pós-ditadura vivida pela Argentina fazem com que quase nada mereça ser lembrado. Em uma narrativa que chama atenção pelo tom fluido e neutro do protagonista e também narrador, tudo que fazia parte de um passado antigo e glorificado da pátria parece não fazer mais sentido. Em um sul que não mais simboliza uma potencialidade, mas um espaço completamente esquecido e abandonado, vemos um desfile de imagens que remetem a um presente labirinticamente sem saída. Na realidade, em uma das cenas mais emblemáticas do romance, quando o protagonista conhece Lem, personagem que irá acompanhá-lo e de quem irá se tornar uma espécie de sócio, o que constatamos é um instantâneo extremamente alegórico da situação do país: “Nesse exato instante percebi que o automóvel era um Jaguar novinho em folha, e que estava com um pneu furado”¹⁸. Apesar de ser um carro novo e em perfeitas condições, o Jaguar tem o pneu furado e se encontra incapacitado de sair do lugar. Da mesma maneira está a Argentina, que durante muitos anos foi considerado o país mais promissor da América Latina, presa em um labirinto de dívidas. Ambos não podem sair do lugar em que se encontram, e talvez o ponto que mais valide essa comparação é que, tanto para o país

¹⁸ SORIANO, Osvaldo. *Uma sombra logo serás* Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993. p.28

como para o carro, não existem certezas sobre como colocá-los novamente em movimento.

Entre lembrar do passado e viver o presente, Ernesto Sábato e Osvaldo Soriano nos deixam como legado, ao contrário do que se pode pensar, não o retrato de uma Argentina conturbada e dividida entre esquecer e continuar, mas os fragmentos da história de um país. Nas páginas de cada uma das obras, o que testemunhamos é a confluência de passado e futuro, dos fatos que vivem na memória e daqueles que ainda um dia se tornarão reais. Tudo converge para o presente do país, pois é no presente que vivem desejos e utopias, no limite entre a ruína do que se passou e as fundações daquilo que ainda está por vir.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACHÚGAR, Hugo. *Planetas sem boca: escritos efêmeros sobre Arte, Cultura e Literatura*. Tradução de Lyslei Nascimento. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

<http://filipe.tripod.com/Vera.html>- Vera Follain de Figueiredo. Acessado em 31/07/2009

HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos*. Tradução de Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MENTON, Seymour. *La nueva novela historica de la América Latina*. México: FCE, 1991.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François [et. al.]. São Paulo: Editora da Unicamp, 2007.

SÁBATO, Ernesto. *Sobre heróis e tumbas*. Tradução de Janer Cristaldo. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

SORIANO, Osvaldo. *Uma sombra logo serás*. Tradução de Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.